

## um novo movimento

por PEDRO AGUIAR NOGUEIRA

Em Junho de 1933, a América inaugurou em Chicago uma exposição que baptizou com o nome de «Um século de progresso». Eram quilómetros de pavilhões e palácios—o palácio das ciências, das religiões, das viagens, etc.—instalados nas margens do lago Michigan.

Esta obra grandiosa, teve pelo menos o condão, não de acabar com o desemprego—era impossível assim—mas de dar trabalho a muitos milhares de desempregados.

Apesar do fausto com que foi apresentada, apesar duma publicidade grandiosa de que os americanos tem o segredo, ela já não teve forças para levantar o prestígio do bezerro de ouro do progresso, que fora adorado durante um século.

Os ideólogos da burguesia, depois de terem delicado a razão, abandonaram a esteira de Descartes para se virarem para novos pastores.

As contradições económicas em que o «seu» mundo se debatia, levaram-nos para novos mitos. Bergson em «Les deux sources de la Morale et de la Religion» e Bardiaeff no seu «Un nouveau Moyen Age» mostram-nos a nova senda, a do irracionalismo e do regresso aos «valores espirituais».

Dai a melancolia e amargura com que Maurois nos fala da exposição de Chicago:

«Em Chicago, no Palácio das Ciências pode-se encontrar o átomo de Bohr aumentado alguns milhões de vezes com os eletrões volteando como planetas à volta dum sol central; podem-se estudar as franjas de interferência das ondas luminosas tais como as desenhará um observador que estivesse na sua escala; pode-se ver através dum homem transparente a bomba do coração aspirar e expulsar o sangue e abrirem-se os pistons das válvulas cardíacas... Sim, certamente o homem, no decurso deste século traçou um mapa grosseiro do mundo em que vive; encaminha-se aí um pouco melhor que antigamente. Ontem aceitava o inverno, a canícula, a noite, o sofrimento. Agora combate-os; cria o seu próprio melo; domina o Universo. E' um progresso.

Mas o senhor das ondas não é senhor de si mesmo. Nós não podemos esquecer que a dez minutos do Palácio das Ciências 800.000 desemprega-

dos vivem de magras rações. O homem mudou menos rapidamente que a sua força. Transforma a matéria mas ignora o espirito. Constroi moléculas novas mas não pode construir sociedades viáveis. Produz em abundância bens outrora muito raros, depois morre ao lado das suas riquezas, incapaz de as distribuir. O tempo da sociologia positiva anunciada por Augusto Conte desde o século XIX parece ainda muito afastado. Neste domínio as paixões reinam e não a ciência.»

Neste mar de sargaços em que se debate um mundo que se afoga, estes homens que ainda ontem entoavam hosannas ao progresso, à máquina, em que se esquecia ou ignorava a existência do «homem», do homem de carne e osso, embora falassem muito em «humano», não vêem, não querem ver que o que lhes falta é a dialética. Causas para um lado e efeitos para outro. E assim caem na abstracção do vazio.

Estes ex-adoradores da razão, gritam hoje no paroxismo do desespero: «calai-vos, razão!» (Daniel Rops) mas a razão não se calou.

Como vimos quando apreciámos o tailorismo e o fordismo, o homem não conta para esses religiosos do progresso. E assim a máquina matou o homem. «E' proibido pensar!» dizem os tailoristas. «Os operários não são feitos para pensar», afirma Ford.

Apesar de todos os maus usos do progresso, de todas as jeremiadas contra o progresso, este não morreu. Como a Fenix da lenda, ressurgiu, rico de experiências, e marcha, não para o esmagamento do homem, mas para a sua libertação. «Como domínio determinado da divisão de trabalho—diz o economista-filósofo—a filosofia de cada época supõe uma documentação intelectual determinada que lhe foi transmitida pelas que a precederam e de que ela parte».

A oposição do económico (técnico) e espiritual, oposição que nos vem já da Grécia, transmitida através da Idade Média até aos nossos dias, é uma das manifestações das duas grandes divisões do mundo em luta, luta que é a sua própria história.

Mas a nova encarnação do progresso não é senão a via

pela qual nós voltaremos à humanidade, a uma nova Grécia clássica, desta vez universal e construída sobre a técnica sólida da ciência e da máquina. E' um novo humanismo que nasce, fazendo pela primeira vez no mundo a «unidade» do homem, acabando com a oposição do económico e espiritual.

E essa não é das menores características do movimento estacanovista.

O estacanovismo, em oposição ao tailorismo e ao fordismo, não é uma técnica nem um sistema, mas um movimento. Ele não saiu construído com todas as suas peças da cabeça dum engenheiro, como Pallas Ateneia da cabeça de Júpiter.

O estacanovismo sendo dialéticamente a causa e o efeito do progresso, não tem o progresso como finalidade. A sua finalidade é a felicidade do homem, porque para ele o homem é o capital mais precioso.

Uma das causas psicológicas do movimento está em que, enquanto os operários das fábricas Ford, começam a «viver» quando a sereia toca para largar o trabalho, para os estacanovistas a vida está dentro da fábrica. O trabalho deixou de ser para eles uma maldição, para se tornar um motivo de honra e alegria.

Podemos marcar a data do nascimento do estacanovismo. Foi na noite de 30 para 31 de Agosto de 1935, às 23 horas, que um mineiro desceu ao seu poço acompanhado de dois companheiros.

Tinha autorização de trabalhar com o seu martelo-automático num percurso de 85 metros. Seis horas depois subia, tendo abatido, com o auxílio dos dois companheiros, 102 toneladas de carvão. Cêdo este record foi batido. E o próprio fundador do sistema bateu os seus companheiros, que o tinham batido, chegando a tirar 227 toneladas.

Naturalmente que não se trata de proezas de atletas excepcionais, porque o movimento desenvolve-se nas empresas mais diversas, generaliza-se em todos os ramos da actividade, incluindo a agricultura. Por ex.: a produção média da beterraba era de 130 quintais por Hectare. Uma

agricultora estacanovista conseguiu 500. Continuou. E acabou por produzir 1.000 quintais por Hectare!

E' preciso não confundir os estacanovistas com trabalhadores de choque, embora a sua raiz esteja aí. De comum tem serem homens que se dão inteiramente ao seu trabalho e utilizam entre si a emulação. Esta emulação é criada e desenvolvida pelos próprios operários, e não pelos engenheiros ou directores das empresas.

E' essa a origem duma «blague» atribuída a Bernard Shaw. Visitava este uma fábrica, quando os operários cheios de orgulho, lhe apresentaram um estacanovista para quem eles haviam pedido uma condecoração: «Tem graça; aqui, porque produziste mais do que os teus camaradas, eles dão-te uma medalha. Se fôsse no meu país tinham-te dado um tiro».

## AS RAIZES DO MOVIMENTO

O estacanovismo não pode ser enquadrado em nenhum grupo de técnicas ou de sistemas, embora possa incluir muitas dentro de si.

Quando o sistema feudal caiu, caiu porque foi batido por normas de trabalho mais elevadas. A sociedade tornou-se mais rica, tão rica como era impossível chegar a sê-lo dentro do sistema medieval.

Hoje, o mundo regorgita de produtos, mas, como diz Maurois, não os sabe distribuir. E' verdade que Ford diz que «não é senão justo e humano que as massas consumam o que produzem». O movimento estacanovista só foi possível depois de realizada aquela afirmativa de Ford.

Assim, a base do movimento está na melhoria radical da situação material dos trabalhadores. A vida tornou-se melhor, é mais alegre. E quando se vive alegremente o trabalho marcha bem.

A segunda raiz do movimento está na nova técnica, nas novas máquinas. Sem isso, pode haver bons trabalhadores, trabalhadores de choque, mas não há estacanovistas. Pode-se dar um rendimento de 200 %, não se dá 1.000 %. Logo, uma industrialização completa é indispensável. E quando digo «industrialização

(Continua na página quinze)